

Editorial



Osvaldo Cabral
osvaldo.cabral@diariodosacores.pt

As conclusões do relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito à TAP são reveladoras do autêntico lodo em que o país está mergulhado.

Depois de todo aquele lamaçal a que assistimos, de ministros a mentirem, de demissões no governo e na TAP, de declarações absolutamente inqualificáveis sobre a ingerência de ministros e secretários de estado na gestão da transportadora, de subsídios astronómicos aprovados por Whatsapp, de pancadaria em ministérios e por aí fora... afinal, não se passou nada!

A choldra a que se referia Eça de Queirós é isto que vamos assistindo na política portuguesa, com ministros e secretários de estado envolvidos em negociatas obscuras, como agora se vê com mais este caso escandaloso do secretário de estado da Defesa.

Os políticos e a política perderam toda a credibilidade e não surpreende que os cidadãos não se revejam, cada vez mais, em responsáveis políticos e deputados que nem sequer os escolheram.

Que sejam eles a participar nas Comissões de Inquérito e a fazer os interrogatórios, tudo bem, mas que sejam os mesmos, até os mais interessados nas conclusões, a redigir as mesmas, só em Portugal.

É claro que estas comissões não têm credibilidade nenhuma a partir do momento em que, quem redige as conclusões, pertence a um dos lados da contenda, não havendo qualquer imparcialidade.

O nosso sistema político está todo errado e é por isso que o nosso país é um país cada vez mais falhado.

A começar pelo sistema eleitoral, apenas reservado a partidos e em que os eleitores não podem escolher directamente os seus representantes.

Tudo roda à volta da oligarquia dos partidos, dos seus poderosos aparelhos, da bajulação aos líderes e da habitual clientela amiga.

O dito relatório é isso mesmo.

Uma bajulação a uma das partes, apesar daquilo a que todos assistimos.

Não temos um país político sério e rigoroso.

Temos um país de artistas.

Outros artistas

A Assembleia Regional dos Açores aprovou por unanimidade um projecto que visava o apoio aos acompanhantes de grávidas das ilhas sem hospital.

O PS votou a favor.

Chegado à Assembleia da República, o projecto foi chumbado pelos deputados... do PS, que apresentaram um outro praticamente igual e com mais uns acréscimos.

Isto diz bem de como é tratado o parlamento açoriano pela maioria absoluta e centralista na República.

Em vez de ter apresentado os seus novos argumentos na fase de discussão nos Açores ou, no mínimo, de ter procurado um consenso no parlamento nacional para as alterações que pretendia, para melhorar o projecto, simplesmente chumba-o, porque é da autoria da coligação açoriana.

Já vimos de tudo, até um deputado açoriano afirmar esta pérola, ao chumbar uma proposta de apoio à cabotagem dos Açores: “mesmo que a proposta venha a ser melhorada, o modelo existente desde 2006 é aquele que apresenta melhores vantagens e desvantagens”!

Um país de artistas

Assim mesmo. Uma proposta de 2016, “mesmo que venha a ser melhorada”, a actual é que serve.

Isto só na pobre assembleia da república portuguesa.

Como digo, é só artistas.

Conselhos de Médico

Desde que começaram os sinais da chegada da pandemia aos Açores foi preocupação deste jornal elucidar os leitores com a melhor informação possível, recorrendo a colaboradores de prestígio nas áreas da saúde.

Foram os casos dos Drs. António Raposo e Mário Freitas, o primeiro especialista em medicina fisiatra e o segundo em saúde pública.

Ambos continuam a fazer parte da nossa galeria de colaboradores, o que muito nos honra, deliciando os inúmeros leitores que seguem atentamente as excelentes crónicas dos dois médicos.

Acontece que o Dr. António Raposo decidiu, em boa hora, reunir em livro as primeiras 250 crónicas que publicou neste jornal, com o mesmo título com que assina aos domingos a sua coluna (“Conselhos de Médico”), tendo promovido o lançamento da obra na passada quarta-feira, em Ponta Delgada, com sala a abarrotar de admiradores e amigos.

Eis como um médico, com uma clínica privada, resolve fazer serviço público, voluntariamente e, ainda por cima, querendo ser mais altruísta, oferece o produto da venda do livro à Associação de Paralisia Cerebral.

Não nos surpreende esta atitude, que reflecte exactamente o modo de vida deste médico, oriundo de Nordeste, de famílias simples, com um percurso pessoal e profissional exemplares, que dava para outro livro com mais 590 páginas como o que agora publicou.

São exemplos de vida como o do Dr. António Raposo que nos leva a acreditar que ainda há Homens bons numa sociedade cada vez mais egoísta e onde impera, tantas vezes, a mentira, a desilusão e o ódio, como é o caso da política portuguesa descrita acima.

O “Diário dos Açores” orgulha-se de colaboradores deste calibre e dos leitores que seguem atentamente os conselhos médicos em linguagem simples e de fácil leitura.

Como ele diz: Haja saúde!

